

A decorative border of a laurel wreath, consisting of two vertical branches of leaves and berries on the sides, and a horizontal branch at the top and bottom, all rendered in a dark, stylized print.

BENTO TEIXEIRA

Prosopopéa

COM PREFACIO DE AFRANIO PEIXOTO

ALVARO PINTO, EDITOR
(ANUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO



RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE RE-
PRODUÇÃO NOS PAIZES QUE ADHERIRAM
À CONVENÇÃO DE BERNE: BRASIL: LEI
N.º 2577 DE 17 DE JANEIRO DE 1912;
PORTUGAL: DEC. 18 DE MARÇO DE 1911.

ΠΡΟΣΟΠΟΠΕΙΑ

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

—
CLASSICOS BRASILEIROS

I — LITERATURA
—

BENTO TEIXEIRA

Prosopopéa

COM PREFACIO DE AFRANIO PEIXOTO



ALVARO PINTO, EDITOR
(ANNUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

—
CLASSICOS BRASILEIROS

I — LITERATURA
—

BENTO TEIXEIRA

Prosopopéa

COM PREFACIO DE AFRANIO PEIXOTO



ALVARO PINTO, EDITOR
(ANNUÁRIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO

PREFACIO

Bento Teixeira ou Bento Teixeira Pinto, nascido em meados do Seculo XVI (1), em Pernambuco (2), tem a honra de ser, chronologicamente, o primeiro poeta brasileiro, ou filho do Brasil. Tem ainda a fortuna de ser autor a quem muito se attribuiu e tambem tudo se negou. Com effeito, o abbade Diogo Barboza

(1) O *Farnaso Brasileiro*, Rio, 1843, publicado por Pereira da Silva, indica o anno 1580, «evidentemente falso», diz Wolf (*Histoire de la Litterature Brésilienne*, Berlin, 1863, p. 9); os *Varões illustres*, Paris, 1858, do mesmo autor, dão o anno de 1515, «o que não está provado», conclue ainda Wolf.

(2) Em Pernambuco, estão todos os autores de accordo. O Padre Lourenço do Couto, *Novo Orbe Serafico*, Rio, 1858, XXV, 7, acrescenta «de Olinda», sem outra prova.

PROSOPOPÉA DE BENTO TEIXEIRA

Machado da-lhe a autoria da *Prosopopéa*, poema dirigido a Jorge de Albuquerque Coelho, da *Relação do naufragio* que fez o mesmo em 1565, dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* ⁽³⁾. Negou-lhe tudo Varnhagen, a principio a *Prosopopéa* e a *Relação*, finalmente os *Dialogos* ⁽⁴⁾. A pendencia continuou, pró e contra, tomando parte nella, além dos citados, o Padre Lourenço do Couto, Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Capistrano de Abreu, ficando hoje quasi certo que a Bento Teixeira se pode apenas attribuir a autoria da *Prosopopéa*, sendo desconhecido o autor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*.

Não é muito. A *Prosopopéa* é um poemeto epico, em versos endecassylabos, oitava rima, noventa e quatro estancias, entoado em louvor de Jorge de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco, no qual a imitação, as reminiscencias, imagens e talvez versos dos *Lusiadas* de Camões, constitue:n como que a intimidade mesma da obra. A critica nacional não tem sido benigna com o autor. José Verissimo é mesmo duro: chama-lhe «o patriarcha dos nossos «en-

⁽³⁾ *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1741.

⁽⁴⁾ *Historia Geral do Brasil*, Rio, 1854-7, 1.^a ed., t. II, p. 53. Carta ao Ministro do Exterior no «Diario Official» de 6 nov. 1872.

PREFACIO

grossadores» literarios (5), e da obra diz: «o apreço da terra, mesmo uma exagerada admiração della, da sua natureza, das suas riquezas e bens, é uma impressão commum nos primeiros que do Brasil escreveram, extranhos e indigenas» (6). Ronald de Carvalho é tambem severo: «poema de mediocre feitio», «não se lhe percebe um grande sopro de inspiração, nem ao menos qualquer relevo de estylo»; «frequentes indecisões de expressão, muita mesquinhez de estro e de linguagem e raras partes de bôa poesia», concluindo, indulgentemente: em todo caso, attendendo-se ao acanhamento do meio, não se deve desprezar esse primeiro fruto enfezado e insipido da natureza brasileira» (7).

Ha autores e obras infelizes: o *Uruguay*, de Basilio da Gama, fastidioso e sensaborão, apenas com algumas paisagens americanas, ainda assim não inteiramente novas, um seculo depois, teria nomeada que a mofina *Prosopopéa*, de Bento Teixeira, não alcançou: como que paga a primazia que lhe cabe, na nossa historia lite-

(5) José Verissimo — *Historia da Literatura Brasileira*, Rio, 1916, p. 43.

(6) Id., id., p. 45.

(7) Ronald de Carvalho — *Pequena historia da literatura brasileira*, Rio, 1922, 2.ª ed., p. 79.

raria. Felizmente, Silvio Romero, citando dois trechos do poema, o começo da «Narração» e a discriptiva do «Porto do Recife», declara: «o primeiro fragmento não deixa de ter uns longes de lyrismo e o final do segundo encerra uma certa dose de humor satyrico — uma censura aos reis descuidados e inuteis, cousas que se folga de encontrar no mais antigo poeta nascido no Brasil». Já nesse tempo o critico philosopho descobre a dupla tendencia de nossa literatura: «a descripção da natureza e a do selvagem». «Bento Teixeira procura em seu rápido poemeto ensejo para intercalar a descripção do Recife e indicar palavras selvagens». «A criação attribuida ao Seculo XIX não foi, pois, uma obra original, não passando de uma prolação historica. O nosso nativismo tem quatro centos annos de existencia» (*).

A Bento Teixeira bastaria o logar que tem assim, e de primeira hora, nesse nativismo, além da primazia no tempo, entre os nossos poetas; mas tem mais. A imitação camoneana que todos lhe notam não seria defeito, e foi certamente merito no tempo, vinte annos apenas morto Ca-

(*) Silvio Romero — *Historia da Literatura Brasileira*, 2.^a ed., Rio, 1902, t. I, p. 132-133.

PREFACIO

mões, e sob a dominação espanhola, tanto mais que seria a primeira obra de um poeta que falava para a metropole, de onde lhe viria o renome. Na irradiação dos *Lusiadas* somem-se, como asteroides junto do sol, todos os epicos portuguezes depois de Camões. Bento Teixeira não fugiu á regra, mas se deve dizer a imitação não fica, na sonoridade do verso, na fluidoz do pensamento, tão longe do modelo, que se não sinta sempre a influença delle. Não sei se algum dos imitadores de Camões se lhe avi-sinou mais. E isso é certamente merito, em falta da propria originalidade.

Hoje Bento Teixeira não tem novidade e será desestimado, porque é vulgar Camões: seu consolo será a impiedade de Castilho, quando escreveu isto: «nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões se resignaria, cuido eu, a assignar como sua, uma unica estancia inteira de todos os dez cantos (dos *Lusiadas*); se ha um, que diga que ousava, que me aponte qual é essa estancia phenix que ao fim de quasi tres seculos está ainda tão lustrosa e juvenil» (9). Terá bõa companhia, mas, por

(9) A. F. de Castilho — *Conversação preambular ao D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro, 6.^a ed., Lisboa, 1881, p. CXII.

PROSOPOPÉA DE BENTO TEIXEIRA

justiça, se dirá que não está mal na companhia, antes bem ao lado dos alumnos. Por vezes no verso, ou no conceito, ao menos uma vez na imagem heroica, Camões havia de ter orgulho do imitador. Leia-se esta estancia, de feliz descripção e metaphora felicissima:

As luzentes estrellas scintillavam
E no estanhado mar resplandeciam,
Que dado que no Ceu fixas estavam
Estar no licor falso pareciam.
Este passo os sentidos preparavam
A aquelles que de amor puro viviam
Que estando de seu centro e fim ausentes
Com alma e com vontade estão presentes.

O conceito desta ainda é um echo do outro, e elle o subscreveria, por certo:

Oh sorte, tão cruel, como mudavel,
Porque usurpas aos bons o seu direito?
Escolhes sempre o mais abominavel,
Reprovas e abominas o perfeito.
O menos digno, fazes agradavel,
O agradavel mais, menos acceito,
Oh fragil, inconstante, quebradiça
Roubadora dos bens, e da justiça.

PREFACIO

Mas, neste canto, — que as noventa e quatro estancias da *Prosopopéa* têm a dimensão de um, dos *Lusiadas*, — ha lance que vale por tudo mais, e honraria ao mesmo Camões. É quando, em Alcacer-Quebir, destroçados, os Portuguezes, outr'ora invictos, debandam espavoridos, abandonando Rei e Patria á mourisma triunfante: o velho Duarte de Albuquerque, que em vão os quer deter, exorta-os, antes que, para não sobreviver á vergonha, procure a morte:

Assim dirá. Mas elles sem respeito,
À honra e ser de seus antepassados,
Com pallido temor no frio peito,
Irão por varias partes derramados.
Duarte vendo nêlles tal defeito,
Lhes dirá: «Corações efeminados,
Lá contareis aos vivos o que vistes,
Porque eu direi aos mortos que fugistes.

A sublimidade da idéa destes dois ultimos versos vale um poema: só elles bastam para fazer da *Prosopopéa* mais que um canto bastardo camoneano. Em qual dos nossos epicos — no *Uruguay* de Basilio da Gama, na *Confederação dos Tamoyos* de Gonçalves Magalhães, n'Os *Tymbiras* de Gonçalves Dias, ha idéa heroica, que valha esta? Fica a pergunta, para a devida

revisão do juizo summario, e injusto, que desfruta a memoria de Bento Teixeira.

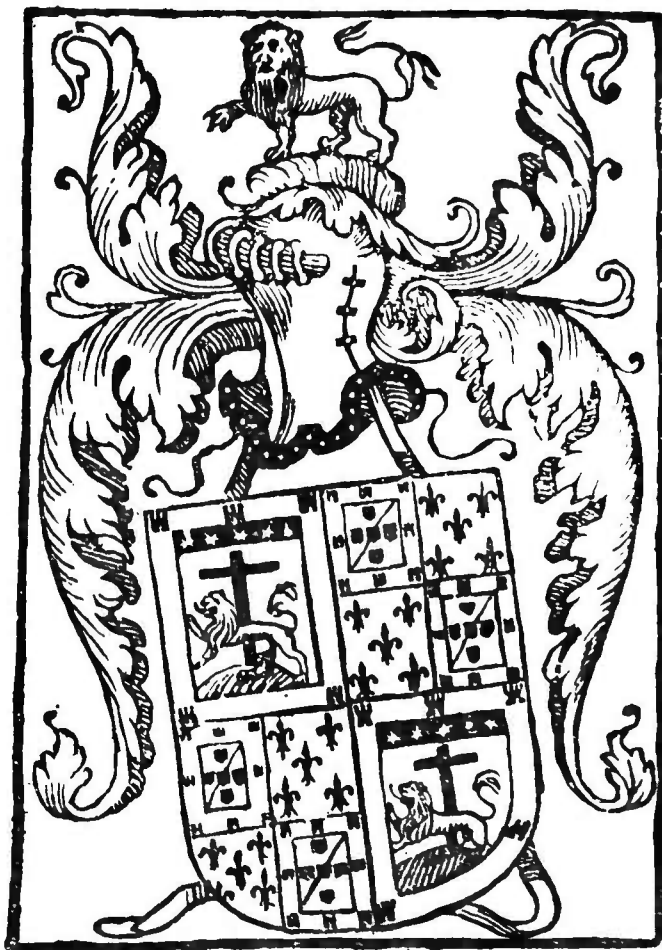
Além da primazia, no tempo, não bastaria isto mesmo para justificar o conhecimento de sua obra, tão ignorada dos nossos descuriosos leitores?

A *Prosopopéa* foi impressa em 1601, em Lisboa, por Antonio Alvares. Silvio Romero, não sei com que fundamento, diz: «crê-se que a primeira edição foi de 1593» (10). Esta, de 1601, seria então a segunda. Descobriu-a Varnhagen na Bibliotheca de Lisboa; pouco depois, Ramiz Galvão, a essa luz, descobria outro exemplar, na Nacional, na collecção Barboza Machado, fazendo della, em 1873, uma edição fac-similar, hoje muito rara; é desta, apenas modernizada a orthographia, que tiramos a presente, vulgarizando assim «o primeiro» poeta brasileiro.

A. P.

(10) Silvio Romero — *Op. cit.*, t. I, p. 132.

A IORGE DALBVQVERQVE
Coelho, Capitão, & Governador de Parana mbuco.



St Em Lisboa: Impresso com licença da Sancta Inqvisição: Por
Antonio Aluares. Anno M O C C C C C I

PROLOGO

Dirigido a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão, & Governador da Capitania de Pernambuco, das partes do Brasil, da nova Lusitania, &c.



E É VERDADE, O QUE DIZ Horacio, que Poetas, e Pintores estão no mesmo predicamento: e estes para pintarem perfeitamente uma Imagem, primeiro na lisa taboa fazem riscunhos, para depois irem pin-

tando os membros della extensamente, até realçarem as tintas, e ella ficar na fineza de sua perfeição: assim eu querendo dibuxar com obstando pincel de meu engenho a viva Imagem da vida, e feitos memoraveis de vossa mercê, quis primeiro fazer este riscunho, para depois, sendo-me concedido por vossa mercê, ir mui particularmente pintando os membros desta Imagem, senão me faltar a tinta do favor de vossa mercê, a quem peço humildemente, receba minhas Rimas, por serem as primicias com que tento servir-o: e porque entendo, que as aceitará com aquella benevolencia, e brandura natural, que costuma, respeitando mais a pureza do animo, que a vileza do presente, não me fica mais que de-sejar, senão ver a vida de vossa mercê

PROSOPOPÉA

Dirigida a Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão, e Governador de Pernambuco, nova Lusitania, &c.



ANTEM Poetas o poder Romano,
Sobmettendo Nações ao jugo duro
O Mantuano pinte, o Rei Troyano,
Decendo á confusão do Reino escuro.

Que eu canto um Albuquerque soberano
Da Fé, da cara Patria firme muro,
Cujo valor, e ser, que o Ceo lhe inspira,
Pode estancar a Lacia, e Grega lira.

As Delphicas irmãos, chamar não quero,
Que tal invocação, é vão estudo.
Aquelle chamo só, de quem espero,
A vida que se espera em fim de tudo.
Elle fará meu Verso tão sincero,
Quanto fora sem elle, tosco, e rudo,
Que por razão negar, não deve o menos,
Quem deu o mais, a miseros terrenos.

E vós sublime Jorge, em quem se esalta,
A Estirpe d'Albuquerque excellente,
E cujo ecco da fama corre, e salta,
Do Carro Glacial, á Zona ardente,
Suspendei por agora a mente alta,
Dos casos varios da Olindesa gente,
E vereis vosso irmão, e vós supremo,
No valor, abater Querino, e Remo.

Vereis um sinil animo arriscado,
A trances, e conflictos temerosos,
E seu raro valor executado,
Em corpos Lutheranos vigorosos.
Vereis seu Estandarte derribado,
Aos Catholicos pés victoriosos,
Vereis emfim o garbo, e alto brio,
Do famoso Albuquerque vosso Tio.

Mas em quanto Thalia não se atreve,
No Mar do valor vosso, abrir entrada,
Aspirai com favor á Barca leve,
De minha Musa inculta, e mal limada.
Invocar vossa graça, mais se deve,
Que toda a dos antigos celebrada,
Porque ella me fará que participe,
Doutro licor melhor, que o de Aganippe.

O marchetado Carro do seu Phebo,
Celebre o Sol Munés, com falsa pompa,
E a ruina cantando do mancebo,
Com importuna voz, os ares rompa.
Que posto que do seu licor não bebo,
A fama espero dar tão viva trompa,
Que a grandeza de vossos feitos cante,
Com som, que Ar, Fogo, Mar e Terra, espante.

NARRAÇÃO

A lampada do Sol, tinha encuberto,
Ao Mundo, sua luz serena, e pura,
E a irmám dos tres nomes descuberto,
A sua terga, e circular figura.
Lá do portal de Dite, sempre aberto,
Tinha chegado com a noite escura,
Morpheu, que com subtis, e lentos passos,
Atar vem dos mortaes os membros lassos.

Tudo estava quieto, e sossegado,
Só com as flores Zephyro brincava,
E da varia fineza namorado,
De quando, em quando o respirar firmava.
Até que sua dôr damor tocado,
Per entre folha, e folha declarava,
As doces aves nos pendentos ninhos,
Cobriam com as asas seus filhinhos.

As luzentes Estrellas scintillavam,
E no estanhado Mar resplandeciam,
Que dado que no Ceo fixas estavam,
Estar no licor falso pareciam.
Este passo os sentidos preparavam,
A aquelles que de amor puro viviam,
Que estando de seu centro, e fim ausentes.
Com alma, e com vontade estão presentes.

Quando ao longo da praia, cuja areia,
É de Marinhas aves estampada,
E de encrespadas Conchas mil se arrea,
Assim de côr azul, como rosada.
Do Mar cortando a prateada veia,
Vinha Tritão em colla duplicada,
Não lhe vi na cabeça casca posta,
(Como Camões descreve) de Lagosta.

Mas uma Concha lisa, e bem lavrada,
De rica Madre Perola trazia,
De fino Coral crespo marchetada,
Cujo lavor o natural vencia
Estava nella ao vivo debuxada,
A cruel, e espantosa bateria,
Que deu a temeraria, e cega gente,
Aos Deoses do Ceo, puro, e reluzente,

Um Buzio desigual, e retrocido,
Trazia por Trombeta sonora,
De Perolas, e Aljofar guarnecido,
Com obra mui subtil, e curiosa,
Depois do Mar azul ter dividido,
Se sentou numa pedra Cavernosa,
E com as mãos limpando a cabelleira
Da turtuosa colla fez cadeira.

Toca a Trombeta com crecido alento,
Engrossa as veias, move os elementos,
E rebramando os ares com o accento,
Penetra o vão dos infimos assentos.
Os Polos que sustem o firmamento,
Abalados dos proprios fundamentos,
Fazem tremer a terra, e Ceo jucundo,
E Neptuno gemer no Mar profundo.

O qual vindo da vâm concavidade,
Em Carro Triumphal, com seu tridente,
Tras tão soberba pompa, e magestade,
Quanta convem a Rei tão excellente.
Vem Glauco, vem Nereu, Deoses Marinhos
Com barba branca, com cerviz tremente,
Vem Glauco, vem Nereu, Deoses Marinhos
Correm ligeiros Phocas, e Golpinhos.

Vem o velho Proteu, que vaticina,
(Se fé damos á velha antiguidade)
Os males a que a sorte nos destina,
Nascidos da mortal temeridade.
Vem numa, e noutra forma peregrina,
Mudando a natural propriedade,
Não troque a forma, venha confiado
Senão quer de Aristeu ser sogigado.

PROSOPOPÉA DE BENTO TEIXEIRA

Thetis, que em ser formosa se recréa,
Tras das Nymphas o coro brando, e doce,
Climene, Ephyre, Opis, Panopêa,
Com Beroe, Thalia, Cymodoce.
Drymo, Xantho, Lycorias, Deyoêa,
Arethusa, Cydippe, Philodoce,
Com Eristea, Espio, Semideas,
Após as quaes cantando, vem Serêas.



DESCRIPÇÃO

do Recife de Pernambuco.



PARA a parte do Sul onde a pequena
Ursa, se vê de guardas rodeada,
Onde o Ceo luminoso, mais serena,
Tem sua influência, e temperada,
Junto da nova Lusitania ordena,
A natureza, mãe bem atentada,
Um porto tão quieto, e tão seguro,
Que para as curvas Naos serve de muro.

Para entrada da barra, á parte esquerda,
Está uma lagem grande, e espaçosa,
Que de Piratas fora total perda,
Se uma torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bons não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do Rei que não é franco,
O vassallo faz ser nas obras manco.

Sendo os Deoses, á lagem ja chegados,
Estando o vento em calma, o Mar quieto,
Depois de estarem todos sossegados,
Per mandado do Rei, e por decreto.
Proteu no Ceo, cos olhos enlevados,
Como que investigava alto secreto,
Com voz bem entoada, e bom meneio,
Ao profundo silencio, larga o freio.

Canto de Proteu

Pelos ares retumbe o grave accento,
De minha rouca voz, confusa, e lenta,
Qual trovão espantoso, e violento,
De repentina, e horrida tormenta.
Ao Rio de Acheronte turbulento,
Que em sulfureas burbulhas arrebenta,
Passe com tal vigor, que imprima espanto,
Em Minos rigoroso, e Radamantho.

De lanças, e d'escudos encantados,
Não tratarei em numerosa Rima,
Mas de Barões Illustres afamados,
Mais que quantos a Musa não sublima.
Seus heroicos feitos extremados,
Affinarão a dissoante prima,
Que não é muito tão gentil sujeito,
Supprir com seus quilates meu defeito.

Não quero no meu Canto alguma ajuda,
Das nove moradoras de Parnaso,
Nem materia tão alta quer que alluda,
Nada ao essencial deste meu caso.
Porque dado que a forma se me muda,
Em falar a verdade, serei raso,
Que assim convem fazê-lo, quem escreve,
Se á justiça quer dar o que se deve.

A fama dos antigos, com a moderna,
Fica perdendo o preço sublimado,
A façanha cruel, que a turva Lerna,
Espanta com estrondo d'arco armado.
O cão de tres gargantas, que na eterna,
Confusão infernal, está fechado,
Não louve o braço de Hercules Thebano,
Pois procede Albuquerque soberano.

Vejo (diz o bom velho) que na mente,
O tempo de Saturno renovado,
E a opulenta Olinda florescente,
Chegar ao cume do supremo estado.
Será de fera, e bellicosa gente
O seu largo dstricto povoado,
Por nome terá, Nova Lusitania,
Das Leis isenta da fatal insania.

As rédeas terá desta Lusitania,
O gram Duarte, valeroso, e claro,
Coelho por cognome, que a insania,
Reprimirá dos seus, com saber raro.
Outro Troyano Pio, que em Dardania,
Os Penates livrou, e o padre caro,
Um Publio Scipião, na continencia,
Outro Nestor, e Fabio, na prudencia.

O braço invicto vejo com que amansa,
A dura cerviz, barbara, insolente,
Instruindo na fé, dando esperança,
Do bem que sempre dura, e é presente,
Eu vejo co rigor da tesa lança,
Acossar o Francês impaciente,
De lhe ver alcançar uma victoria,
Tam capaz, e tão digna de memoria.

Terá o varão Illustre, da consorte,
Dona Beatriz, preclara, e excellente,
Dous filhos, de valor, e dalta sorte,
Cada qual a seu Tronco respondente.
Estes se isentarão da cruel sorte,
Eclipsando o nome á Romana gente,
De modo que esquecida a fama velha,
Façam arcar ao mundo a sobranceira.

O Principio de sua Primavera,
Gastarão seu districto dilatando,
Os barbaros crueis, e gente Austera,
Com meio singular, domesticando.
E primeiro que a espada lisa e fera,
Arranquem, com mil meios d'amor **brando**.
Pretenderão tirá-la de seu erro,
E senão porão tudo a fogo, e ferro.

Os braços vigorosos, e constantes,
Fenderão peitos, abrirão costados,
Deixando de mil membros palpitantes,
Caminhos, arraiaes, campos juncados.
Cercas soberbas, fortes repugnantes,
Serão dos novos Martes arrasados,
Sem ficar delles todos, mais memoria,
Que a qu'eu fazendo vou em esta Historia.

Quaes dous soberbos Rios espumosos,
Que de montes altissimos manando,
Em Thetis, de meter-se desejosos,
Vem com fúria crescida murmurando.
E nas partes que passam furiosos,
Vem arvores, e troncos arrancando,
Tal Jorge d'Albuquerque, e o gram Duarte
Farão destruição em toda a parte.

Aquelle branco Cisne venerando,
Que nova fama quer o Ceo que merque
E me está com seus feitos provocando,
Que delle cante, e sobre elle alterque,
Aquelle que na Idea estou pintando,
Jeronymo sublime d'Albuquerque,
Se diz, cuja invenção, cujo artificio,
Aos barbaros darà total exicio.

Deste, como de Tronco **florescente**,
Nascerão muitos ramos, que **esperança**,
Prometerão a todos **géralmente**,
De nos berços do Sol **prégar a lança**.
Mas quando virem que do **Rei potente**,
O pai por seus **serviços**, não **alcança**,
O **galardão devido**, e **gloria dina**,
Ficarão nos **alpendres da Picinna**.

Ó sorte, tão **cruel**, como **mudavel**,
Porque **usurpas** aos **bons** o seu **direito?**
Escolhes sempre o **mais abominavel**,
Reprovas, e **abominas** o **perfeito**.
O **menos digno**, fazes **agradavel**,
O **agradavel mais**, **menos acceito**.
Ó **fragil**, **inconstante**, **quebradiça**,
Roubadora dos **bens**, e da **justiça!**

Não tens poder algum, se houver prudencia,
Não tens Imperio algum, nem Magestade,
Mas a mortal cegueira, e a demencia,
E o titulo, te honrou de Deidade.
O sabio tem dominio na influencia,
Celeste, e na potencia da vontade,
E se o fim não alcança desejado,
É por não ser o meio accommodado.

Este meio faltará ao velho invicto,
Mas não cometerá nenhum defeito,
Que o seu qualificado, e alto espirito,
Lhe fará a quanto deve ter respeito.
Aqui Belisario, e Pacheco afflicto,
Cerra com elle o numero perfeito,
Sobre os tres, uma duvida se excita,
Qual foi mais, se o esforço, se a desdita?

Foi o filho de Anchises, foi Achates,
A região do Caos litigioso,
Com ramo douro fino, e de quilates,
Chegando ao Campo Eliseo deleitoso.
Quão mal por falta deste, a muitos trates
(Ó sorte) neste tempo trabalhoso,
Bem claro no lo mostra a experiencia,
Em poder mais que a justiça a adherencia,

Mas deixxndo (dizia) ao tempo avaro,
Cousas que Deos eterno, e elle cura,
Eternando ao Presagio, novo, e raro,
Que na parte mental se me figura.
De Jorge d'Albuquerque, forte, e claro,
A despeito direi da inveja pura:
Para o qual monta poucø a culta Musa,
Que Mæoneo em louvar Achilles usa.

Bem sei que se seus feitos não sublimo,
É roubo que lhe faço mui notavel,
Se o faço como devo, sei que imprimo,
Escandalo no vulgo variavel.
Mas o dente de Zeilo, nem Minimo,
Estimo muito pouco, que agradavel,
É impossivel ser, nenhum que canta,
Proezas de valor, e gloria tanta.

Uma cousa me faz difficuldade,
E o espirito prophetico me cansa,
A qual é ter no vulgo authoridade,
Só aquillo a que sua força alcança.
Mas se é um caso raro, ou novidade,
Das que de tempo em tempo, o tempo lança,
Tal credito lhe dão, que me lastima,
Ver a verdade, o pouco que se estima.

E proseguindo (diz) que Sol luzente,
Ve douro as brancas nuvens perfilando,
Que está com braço indomito, e valente,
A fama dos antigos eclipsando.
Em que o esforço todo juntamente,
Se está como em seu centro trasladando,
É Jorge d'Albuquerque, mais invicto,
Que o que desceo ao Reino de Cocito.

Depois de ter o Barbaro diffuso,
E roto: as portas fecharà de Jano,
Por vir ao Reino do valente Luso,
E tentar a fortuna do Oceano.
Um pouco aqui Proteu, como confuso,
Estava receando o grave dano,
Que havia de crescer ao claro Heroe,
No Reino aonde vive Cimothôe.

Sei mui certo do fado (proseguia)
Que trará o Lusitano por designo,
Escurecer o esforço, e valentia,
Do braço Assirio, Grego, e do Latino.
Mas este presuposto, e phantasia,
Lhe tirará de inveja o seu destino,
Que conjurando com os Elementos,
Abalará do Mar os fundamentos.

Porque Lemnio cruel, de quem descende,
A Barbara progenie, e insolencia,
Vendo que o Albuquerque tanto offende,
Gente que delle tem a descendencia.
Com mil meios illicitos pretende,
Fazer irreparavel resistencia,
Ao claro Jorge, varonil, e forte,
Em quem não dominava a varia sorte.

Na parte mais secreta da memoria,
Terà mui escripta, impressa, e estampada,
Aquella triste, e maranhada Historia,
Com Marte, sobre Venus celebrada,
Verà que seu primor, e clara gloria,
Ha de ficar em Lethe sepultada,
Se o braço Português victoria alcança,
Da nação, que tem nelle confiança,

E com rosto cruel, e furibundo,
Dos encovados olhos scintillando,
Férvido, impaciente, pelo mundo,
Andarà estas palavras derramando.
Pode Nictelio só no Mar profundo,
Sorver as Naos Mæonias navegando,
Não sendo mór Senhor, nem mais possante,
Nem filho mais mimoso do Tonante?

E pode Juno andar tantos enganões,
Sem razão, contra Troya machinando,
E fazer que o Rei justo dos Troyanos,
Andasse tanto tempo o Mar sulcando?
E que vindo no cabo de dez annos,
De Scilla, e de Caribdis, escapando,
Chegasse á desejada, e nova terra,
E com Latino Rei tivesse guerra?

E pode Pallas subverter no Ponto,
O filho de Oyleu per causa leve?
Tentar outros casos que não conto,
Por me não dar lugar o tempo breve?
E que eu por mil razões, que não aponto,
A quem do fado, a lei render se deve,
Do que tenho tentado, já desista,
E a gente Lusitana, me resista?

Eu por ventura sou Deos indigente,
Nascido da progenie dos humanos,
Ou não entro no numero dos sete,
Coelestes, immortaes, e soberanos?
A quarta Esphera a mim não se comete?
Não tenho em meu poder os Cetimanos?
Jove não tem o Ceo, o Mar Tridente?
O Plutão, o Reino da danada gente?

Em preço, ser, valor, ou em nobreza,
Qual dos supremos é mais qu'eu activo?
Se Neptuno do Mar tem a braveza,
Eu tenho a região do fogo activo.
Se Dite afflige as almas com crueza,
E vós Cyclopes tres, com fogo vivo,
Se os raios vibra Jove, irado, e fero,
Eu na forja do monte lhos tempero.

E com ser de tão alta Magestade,
Não me sabem guardar nenhum respeito?
E um povo tão pequeno em quantidade,
Tantas batalhas vence a meu despeito?
E que seja aggressor de tal maldade,
O adultero lascivo do meu leito?
Não sabe que meu ser ao seu precede,
E que prendê-lo posso noutra rede?

Mas seu intento não porá no fito,
Por mais que contra mim o Ceo conjure,
Que tudo tem em fim termo finito,
E o tempo não ha cousa que não cure.
Moverei de Neptuno o gram districto,
Pera que meu partido mais segure,
E quero ver no fim desta jornada,
Se val a Marte, escudo, lança, espada.

Estas palavras taes, do cruel peito,
Soltará do Cyclôpes, o tyranno,
As quaes procurará pôr em effeito,
Às cavernas, descendo do Oceanø.
E com mostras d'amor brando, e acceito,
De ti Neptuno claro, e soberano,
Alcançarà seu fim: o novo jogo,
Entrar no Reino d'agoa o Rei do fogo.

Logo da Patria Eolia virão ventos,
Todos como esquadrão, mui bem formado,
Euro, Noto, os Maritimos assentos,
Terão com seu furor demasiado.
Fará natura varios movimentos,
O seu Caos repetindo ja passado,
De sorte que os varões fortes, e válidos,
De medo mostrarão os rostos pállidos.

Se Jorge de Albuquerque soberano,
Com peito juvenil, nunca domado,
Vencerà da Fortuna, e Mar insano,
A braveza, e rigor inopinado.
Mil vezes o Argonauta deshumano,
Da sêde, e cruel fome estimulado,
Urdirá aos consortes morte dura,
Para dar-lhes no ventre sepultura.

E vendo o Capitão qualificado,
Empresa tão cruel, e tão inica,
Por meio mui secreto, accomodado,
Della como convem se certifica.
E duma graça natural ornado,
Os peitos alterados, edifica,
Vencendo com Tulliana eloquencia,
Do modo que direi, tanta demencia.

Companheiros leaes, a quem no Côro,
Das Musas, tem a fama enthronizado,
Não deveis ignorar, que não ignoro,
Os trabalhos que haveis no Mar passado.
Respondestes té gora com o foro,
Devido á nosso Luso celebrado,
Mostrando-vos mais firme contra a sorte.
Do que ella contra nós se mostra forte.

Vós de Scilla, e Caribidis escapando,
De mil baixos, e sirtes arenosas,
Vindes num lenho concavo cortando,
As inquietas ondas espumosas.
Da fome, e da sêde, o rigor passando,
E outras faltas em fim difficultosas,
Convem-vos adquirir uma fôrça nova,
Que o fim as cousas examina, e prova.

Olhai o grande gozo, e doce gloria,
Que tereis, quando postos em descanso,
Contardes esta larga, e triste historia,
Junto do patrio lar, seguro, immenso.
O que vai da batalha, a ter victoria,
O que do Mar inchado, e um remanso,
Isso então haverá de vosso estado,
Aos males que tiverdes já passado.

Por perigos crueis, por casos varios,
Hemos dentrar no porto Lusitano,
E supposto que temos mil contrarios,
Que se parcialidam com Vulcano.
De nossa parte os meios ordinarios,
Não faltem, que não falta o Soberano,
Poupai-vos para a prospera fortuna,
E adversa, não temais por importuna.

Os heroicos feitos dos antigos,
Tende vivos, e impressos na memoria,
Ali vereis esforço nos perigos,
Ali ordem na paz, digna de gloria.
Ali com dura morte de inimigos,
Feita imortal a vida transitoria,
Ali no mór quilate de fineza,
Vereis aposentada a Fortaleza.

Agora escurescer quereis o raio,
Destes Barões tam claros, e eminentes,
Tentando dar principio, e dar ensaio,
As cousas temerarias, e indecentes.
Imprimem neste peito, tal desmaio,
Tão graves, e terriveis accidentes,
Que a dôr crescida, as forças me quebranta,
E se pega a voz debil á garganta.

PROSOPOPÉA DE BENTO TEIXEIRA

De que servem proezas, e façanhas,
E tentar o rigor da sorte dura?
Que aproveita correr terras estranhas,
Pois faz um torpe fim a fama escura?
Que mais torpe, que ver umas entranhas,
Humanas, dar a humanos sepultura,
Cousa que a natureza, e lei impede,
E escassamente ás Feras só concede?

Mas primeiro crerei, que houve Gigantes,
De cem mãos, e da Mãe Terra gerados,
E Chimeras ardentes, e flammantes,
Com outros feros monstros encantados.
Primeiro que de peitos tão constantes,
Veja sair effeitos reprovados,
Que não podem (falando simplesmente)
Nascer trevas da luz resplandescente.

E se determinais a cega furia,
Executar, de tão feroz intento,
A mim fazei o mal, a mim a injuria,
Fiquem livres os mais de tal tormento.
Mas o Senhor que assiste na alta Curia,
Um mal atalhará tão violento,
Dando-nos brando Mar, vento galerno,
Com que vamos no Minho entrar paterno

Tais palavras do peito seu magnanimo,
Lançará o Albuquerque famosissimo,
Do soldado remisso, e pusillanimo,
Fazendo com tal practica fortissimo.
E assim todos concordes, e num animo,
Vencerão o furor do Mar bravissimo,
Até que já a Fortuna de enfadada,
Chegar os deixe á Patria desejada.

A Cidade de Ulysses destroçados,
Chegarão da Fortuna, e Reino salso,
Os Templos visitando Consagrados,
Em procissão, e cada qual descalço.
Desta maneira ficarão frustados,
Os pensamentos vãos, de Lemnio falso,
Que o mau tirar não pode o beneficio,
Que ao bom, tem prometido o Ceo propicio.

Neste tempo Sebasto Lusitano,
Rei, que domina as agoas do gram Douro,
Ao Reino, passará do Mauritano,
E a lança tingirá com sangue Mouro:
O famoso Albuquerque mais ufano,
Que Jasão na conquista douco Douro,
E seu Irmão Duarte valeroso,
Iirão com o Rei altivo Imperioso.

Numa Nao, mais que Pystris, e Centauro,
E que Argos, venturosa celebrada,
Partirão a ganhar o verde Lauro,
A região da seita reprovada.
E depois de chegar ao Reino Mauro,
Os dous irmãos, com lança, e com espada,
Farão nos Agarenos mais estrago,
Do que em Romanos fez o de Carthago.

Mas, ah invida sorte, quão incertos,
São teus bens, e quão certas as mudanças:
Quão brevemente cortas os enxertos,
A umas mal nascidas esperanças?
Nos mais riscosos trances, nos apertos,
Entre mortaes pelouros, entre lanças,
Prometes triumphal palma, e victoria,
Para tirar no fim, a fama, a gloria.

Assim succederá nesta batalha,
Ao mal afortunado, Rei ufano,
A quem não valerá provada malha,
Nem escudo d'obreiros de Vulcano.
Porque no tempo que elle mais trabalha,
Victoria conseguir do Mauritano,
Num momento se vê cego, e confuso,
E com seu esquadrão, roto, e diffuso.

Anteparou aqui Proteu, mudando,
'As côres, e figura monstruosa,
No gesto, e movimento seu, mostrando,
Ser o que ha de dizer, cousa espantosa.
E com nova efficacia começando,
A soltar a voz alta, e vigorosa,
Estas palavras taes tira do peito,
Que é cofre de prophetico conceito.

Entre armas desiguaes, entre tambores,
De som, confuso, rouco, e redobrado,
Entre cavallos bravos corredores,
Entre a furia do pó, que é salitrado.
Entre sanha, furor, entre clamores,
Entre tumulto cego, e desmandado,
Entre nuvens de settas Mauritanas,
Andará o Rei das gentes Lusitanas.

No animal de Neptuno, já cansado,
Do prolixo combate, e mal ferido,
Será visto por Jorge sublimado,
Andando quasi fora de sentido.
O que vendo o grande Albuquerque ousado,
De tão tragico passo condoido,
Ao peito fogo dando, aos olhos agoa,
Taes palavras dirá, tintas em magoa.

Tão infelice Rei, como esforçado,
Com lagrimas de tantos tão pedido,
Com lagrimas de tantos alcançado,
Com lagrimas do Reino, em fim perdido.
Vejo-vos com cavallo já cansado,
A vós, nunca cansado, mas ferido,
Salvai em este meu, a vossa vida,
Que a minha, pouco vai, em ser perdida.

Em vós do Luso Reino, a confiança,
Estriba, como em base só fortissimo,
Com vós ficardes vivo, segurança,
Lhe resta de ser sempre florentissimo.
Entre duros farpões, e Maura lança,
Deixai este vassallo fidelissimo,
Que elle fará por vós mais que Zopiro,
Por Dario, até dar final suspiro.

Assim dirá o Heroe, e com destreza,
Deixará o ginete velocissimo,
E a seu Rei o dará: Ó Portuguesa,
Lealdade do tempo florentissimo.
O Rei promete, se de tal empresa,
Sae vivo, o fará senhor grandisissimo,
Mas té nisto lhe será avara a sorte,
Pois tudo cubrirá, com sombra a morte.

Com lagrimas d'amor, e de brandura,
De seu Senhor querido, ali se espede,
E que a vida importante, e mal segura,
Assegurasse bem, muito lhe pede.
Torna á batalha sanguinosa, e dura,
O esquadrão rompe, dos de Mafamede,
Lastima, fere, corta, fende, mata,
Decepa, apouca, assola, desbarata.

Com força não domada, e alto brio,
Em sangue Mouro todo já banhado,
Do seu vendo correr um caudal Rio
De gíolhos se pôs debilitado.
Ali dando á mortaes golpes desvio,
De feridas medonhas trespassado,
Será captivo, e da proterva gente,
Maniatado em fim mui cruelmente.

Mas, a donde me leva o pensamento?
Bem parece que sou caduco, e velho,
Pois sepulto no Mar do esquecimento,
A Duarte sem par, dicto Coelho.
Aqui mister havia um novo alento,
Do poder Divinal, e alto Conselho,
Porque não ha que feitos taes presuma,
A termo, reduzir, e breve suma?

Mas se o Ceo transparente, e alta Curia,
Me for tão favoravel, como espero,
Com voz sonora, com crescida furia,
Hei de cantar, Duarte, e Jorge fero.
Quero livrar do tempo, e sua injuria,
Estes claros Irmãos, que tanto quero,
Mas tornando outra vez á triste Historia,
Um caso direi digno de memoria.

Andava o novo Marte destruindo,
Os esquadrões soberbos Mauritanos,
Quando sem tino algum, vio ir fugindo,
Os timedos, e lassos Lusitanos.
O que de pura magoa, não sofrindo,
Lhe diz: Donde vos is homes insanos?
Que digo, homes, estatuas sem sentido,
Pois não sentis o bem que haveis perdido?

Olhai aquelle esforço antigo, e puro,
Dos inclitos, e fortes Lusitanos,
Da Patria, e liberdade, um firme muro,
Verdugo de arrogantes Mauritanos.
Eexmplo singular para o futuro,
Ditado, e resplendor de nossos annos,
Sujeito mui capaz, materia dina,
Da Mantuana, e Homérica Buzina.

Pondo isto por espelho, por traslado,
Nesta tão temeraria, e nova empresa,
Nelle vereis, que tendes já manchado,
De vossa descendencia, a fortaleza.
A batalha tornai com peito ousado,
Militai sem receio, nem fraqueza,
Olhai que o torpe medo é Crocodillo,
Que custuma, a quem foge, persegui-lo.

E se o dito, a tornar vos não compelle,
Vêde donde deixais o Rei sublime?
Que conta haveis de dar ao Reino d'elle?
Que desculpa terá tão grave crime?
Quem haverá, que por traição não selle,
Um mal, que tanto mal, no mundo imprime!
Tornai, tornai, invictos Portugêses,
Cerceai malhas, e fendei arneses.

Assim dirá: Mas elles sem respeito,
À honra, e ser de seus antepassados,
Com pallido temor, no frio peito,
Irão por varias partes derramados.
Duarte vendo nelles tal defeito,
Lhe dirá: Corações effeminados,
Lá contareis aos vivos, o que vistes,
Porque eu direi aos mortos, que fugistes.

Neste passo carrega a Maura força,
Sobre o Barão insigne, e bellicoso,
Elle onde vê mais força, ali se esforça,
Mostrando-se no fim, mais animoso.
Mas o fado que quer, que a razão torça,
O caminho mais recto, e proveitoso,
Fará que num momento abreviado,
Seja captivo, preso e mal tratado.

Eis ambos os irmãos em captiveiro,
De peitos tão protervos, e obstinados,
Por copia inumeravel de dinheiro,
Serão (segundo vejo) resgatados,
Mas o resgate, e preço verdadeiro,
Por quem os homens foram libertados,
Chamará neste tempo o gram Duarte,
Para no claro Olimpo lhe dar parte.

O Alma, tão ditosa, como pura,
Parte a gozar dos dotes dessa gloria,
Donde terás a vida tão segura,
Quanto tem de mudança a transitoria.
Goza lá dessa luz, que sempre dura,
No mundo gozarás da larga historia,
Ficando no lustroso, e rico Templo,
Da Nimpha Gigantea por exemplo.

Mas em quanto te dão a sepultura,
Contemplo a tua Olinda celebrada,
Coberta de fúnebre vestidura,
Inculto, sem feição, descabellada.
Quero-a deixar chorar morte tão dura,
Té que seja de Jorge consolada,
Que por ti na Ulysséa fica em pranto,
Em quanto me disponho a novo canto.

Não mais espirito meu, que estou cansado,
Deste diffuso, largo, e triste Canto,
Que o mais será de mim depois cantado,
Por tal modo, que cause ao mundo espanto.
Já no balcão do Ceo, o seu toucado,
Solta Venus mostrando o rosto Sancto,
Eu tenho respondido co mandado,
Que mandaste, Neptuno sublimado.

Assim diz: e com alta Magestade,
O Rei do Salso Reino, ali falando,
Diz: Em satisfação da tempestade,
Que mandei a Albuquerque venerando,
Pretendo, que a mortal posteridade,
Com Hymnos o ande sempre sublimando,
Quando vir, que por ti o foi primeiro,
Com fatidico espirito verdadeiro.

Aqui deu a tudo, e brevemente,
Entra no Carro de Cristal lustroso,
Após delle, a demais Cœrulea gente,
Cortando a via vai do Reino aquoso.
Eu que a tal espectáculo presente,
Estive, quis em Verso numeroso,
Escreve-lo, por ver que assim convinha,
Para mais perfeição da Musa minha.



SONETO PER
 Eccos , ao mesmo Senbor Jorge
 Dalbuquerque Coelbo.



RAN IORGE,
 Por su ser, Llamado
 Querer mi Verso cele-
 brarte,
 Ni quanto el Cielo acá

reparte,
 Menor, diran, de tu sagrado :

Por lo que has con valor sobrado,
 Se ocupa siempre en sublimarte,
 Y para en algo accomodarte,
 Quiso tan alto, y requestado :

Tu eres la gloria, y la columna,
 De Lusitania, y refulgente,
 Por quien llamarse, venturosa :

Y el Cielo que tal don consiente,
 Que te dio por suerte oportuna,
 Señora excelsa, y grandiosa :

 O Amado,

 O Arte,

 O Parte,
 O Grado,
 O Obrado
 O Marte,
 O Darte,
 O Estado
 O Luna,
 O Gente,
 O Osa,
 O Siente,
 O Vna,
 O Diosa

LAVS DEO

EDIÇÕES
DO «ANNUARIO DO BRASIL»
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
E
«SEARA NOVA»

BIBLIOTECA LUSITANA

Cancioneiro Popular — Estudo crítico de Jaime Cortesão	2\$000
Crónica d'El-Rei D. Duarte, de Rui de Pina — Estudo, notas e glos. de Alfredo C. de Magalhães (2. ^a ed. — no prelo).	
Tristão o Enamorado — Quadros de conjunto do romancero popular português — Coordenação e prefácio de Teófilo Braga . .	2\$000
Trovas de Crisfal, carta, cantigas e esparsas — de Cristóvão Falcão — com um estudo sobre sua vida, poesias e epoca, por Teófilo Braga	2\$000
Anfitrião ou Jupiter e Alcmena — Ópera de Antonio José da Silva. Pref. e not. de Francisco Torrinha	2\$000
Autos de Gil Vicente seguidos de alguns extractos — Compilação, prefácio e glossário de Afonso Lopes Vieira	3\$000
Carta de Guia de Casados, de D. Francisco Manuel de Melo — Pref. e notas de Edgar Prestage (2. ^a ed. — no prelo).	
Os Amôres de Camões — Teófilo Braga (2. ^a ed. — no prelo).	

BIBLIOTECA HISTÓRICA

O Cerco do Porto, contado por uma testemunha, o Coronel Owen. Prefácio e notas de

CATALOGO

Raul Brandão (2. ^a ed. com novos documentos)	4\$000
A Praça Nova — Alberto Pimentel (2. ^a ed. — no prelo).	
1817 — Gomes Freire (3. ^a edição) — Raul Brandão	5\$000
D. Pedro — Coelho de Carvalho	3\$000
Duas Grandes Intrigas — Alfredo Varela, 2 volumes	10\$000
Memórias, 1. ^o volume (2. ^a edição) — Raul Brandão	3\$000
El-Rei Junot (2. ^a ed.) Raul Brandão	4\$000
História de um Fogo Morto (2. ^a edição) — José Caldas	6\$000
Episodios Dramaticos da Inquisição Portuguesa, 1. ^o vol. — António Baião	5\$000
No prelo — o 2. ^o volume.	

BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO

Educação Civica — António Sergio	2\$000
O Metodo Montessori — Luísa Sérgio (2. ^a ed.)	3\$000
Considerações Historico-Pedagogicas — António Sérgio	1\$000
Cultura e Analfabetismo — Adolfo Coelho	1\$000
Industria e Sciencia, de Le Châtelier — Tradução	1\$000
A Função Social dos Estudantes — António Sérgio	1\$000
Noções de Zoologia, coordenadas por António Sérgio	3\$000
O ensino como factor do ressurgimento nacional — António Sérgio	1\$000
Escala de Pontos dos Niveis Mentais das crianças portuguesas — Luísa e António Sérgio	1\$500

CATALOGO

BIBLIOTECA JURIDICA

Tratado da Propriedade Literaria e Artistica — Visc. de Carnaxide	6\$000
Acordãos e Anotações ao Codigo do Processo civil — Jorge Utra Machado, encadernado	10\$000

BIBLIOTECA TECNICA

Elementos de Máquinas — Eugenio de Bar- ros, 1.º vol.	5\$000
--	--------

BIBLIOTECA INFANTIL E POPULAR

Cartigas do Povo para as Escolas — selecção- nadas por Jaime Cortesão	1\$000
Contos de Mme. Aulnoy (A Bela dos cabelos d'Ouro e Ave Azul) Tradução e prefácio de José Teixeira Rego	1\$000
Mina de Barnelm, de Lessing — Tradução e prefácio de Joaquim Aroso	2\$000
Pequena Antologia Classica (de Homero a Tolstoi) — José Teixeira Rego	3\$000

BIBLIOTECA INTERNACIONAL

Contos de Shakespeare, de Charles e Mary Lamb — Trad. e pref. de Januário Leite, (2 vol.) Cada	3\$000
As aventuras de Telémaco, de Fenelon — Pre- fácio de José Teixeira Rego — 1.º vol. No prelo — o 2.º volume.	3\$000

CATALOGO

OBRAS DE W. SHAKESPEARE

Júlio César — Tradução de A. J. Anselmo	2\$000
O Mercador de Veneza — Trad. de J. Aroso .	3\$000
Hamlet — Tradução de Januário Leite (no prelo).	

ANTHOLOGIA UNIVERSAL

(Volumes cartonados)

- 1 — Manuel Bernardes — Historias varias.
- 2 — Soror Mariana — Cartas de Amor, nova restituição e esboço critico de Jaime Cortesão.
- 3 — José de Alencar — Iracema, edição prefaciada por Mario de Alencar.
- 4 — Almeida Garrett — Frei Luiz de Souza.
- 5 — Gonzaga — Lyricas (Da Marilia de Dirceu), prefácio e notas de Alberto Faria.
- 6 — Fernão Mendes Pinto — Em busca do Corsário.
- 7 — Carlos Dickens — Canto do Natal, tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 8 — Camões — Pensamentos, extraídos das suas obras por J. Viana da Mota.
- 9 — Cervantes — Novelas exemplares (Cornelia — O ciumento) tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 10 — Fernão Mendes Pinto — A Ilha dos Tesouros.
- 11 — José d'Alencar — Diva, pref. de Mario d'Alencar.
- 12 — Shakespeare — O Mercador de Veneza — tradução de J. Aroso.
- 13/14 — Imitação de Cristo — tradução do latim pelo P.e Valerio Cordeiro.

No prelo

Os melhores Sermões de Vieira, prefácio e notas de Afranio Peixoto.

CATALOGO

A Moreninha, Joaquim Manuel de Macedo.
Contos de Imaginação e mysterio — de Edgar
Poe, trad. de Januário Leite.

Cada n.º — 3\$000; dois numeros
em 1 vol. — 5\$000.

FILOSOFIA

O Criacionismo — Leonardo Coimbra (Esgotado).	
A Morte — Leonardo Coimbra	3\$000
O Pensamento Criacionista — Leonardo Coimbra	4\$000
A Luta pela immortalidade -- Leonardo Coimbra	1\$000

ECONOMIA

A Grei — Ezequiel de Campos	3\$000
Pela Espanha — Ezequiel de Campos	5\$000
A Evolução e a Revolução Agraria—Ezequiel de Campos	1\$000
Leivas da Minha Terra — Ezequiel de Campos	2\$000

SCIENCIA

A Teoria da Mutação -- Armando Cortesão (esgotado).	
Trigonometria plana (2.ª edição) — Augusto Martins	4\$000
Higiene e Moral, pelo Dr. Good — Tradução de J. Aroso (2.ª edição)	2\$500

CATALOGO

OBRAS SOBRE A GUERRA

Portugal e a Guerra — Número especial de «A Águia»	1\$000
O Conflictó Internacional sob o ponto de vista português — José de Macedo	5\$000
Cartas da Guerra — Adelino Mendes (Esgotado).	
Nas Trincheiras da Flandres (4. ^a edição) — Capitão Augusto Casimiro	3\$000
Vida Americana (3. ^a edição) — Alberto Amado	3\$000
O Flagelo dos Mares — Bazilio Teles	3\$000
Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg — Tenente-coronel Alexandre Malheiro	4\$000
Ao Parapeito — Tenente Pina de Moraes (2. ^a edição)	3\$000
O Amor na Base do C. E. P. — Alexandre Malheiro	2\$000
Memórias da Grande Guerra — Jaime Cortesão	4\$000
A Ferro e Fogo — Coronel Eduardo Pimenta	2\$000
Tropa d'África (2. ^a edição) — Capitão Carlos Selvagem	5\$000
Calvários da Flandres — Capitão Augusto Casimiro	3\$000
A Batalha do Lys — General Gomes da Costa	5\$000
O Soldado-Saudade — Tenente Pina de Moraes	4\$000

CULTURA PATRIOTICA

Arte de ser português — Teixeira de Pascoaes (2. ^a edição)	3\$000
---	--------

ETNOGRAFIA

Etnografia artistica — Virgilio Correia	5\$000
---	--------

CATALOGO

SERIE LAEMMERT

Almanak Laemmert para 1923 — 4 volumes	80\$000
Diccionario Chorographico	5\$000
Tarifa das Alfandegas	10\$000
Memorial Fiuminense para 1923 (Dois dias por pagina)	5\$000
Apontamentos Diarios para 1923 (um dia por pagina)	7\$000
Agenda Laemmert para 1923 — a melhor e mais pratica	6\$000
Folhinha Laemmert para 1923	1\$500

COLLECÇÃO EDUARDO PRADO

(CENTRO D. VITAL)

Serie A.

Pascal e a Inquietação moderna — Jackson de Figueiredo	4\$000
O Clero Nacional e a Independencia do Brasil — D. Duarte Leopoldo da Silva.	4\$000

OUTRAS OBRAS

Regresso ao Paraiso — Teixeira de Pascoaes	2\$000
A Evocação da Vida — Augusto Casimiro, (esgotado).	
Esta Historia é para os Anjos—Jaime Cortesão	500
O Espirito Lusitano — Teixeira de Pascoaes	500
Sinfonia da Tarde — Jaime Cortesão . . .	500
Romarias — Antonio Correia de Oliveira	500
A Educação dos povos peninsulares — Ribera y Rovira	500
A Primeira Nau — Augusto Casimiro	500
Cintra — Mario Beirão	500

CATALOGO

O Doido e a Morte — Teixeira de Pascoaes	1\$000
... Daquem e dalem Morte — (Contos com illustrações de Cervantes de Haro e Cris- tiano de Carvalho) — Jaime Cortesão	3\$000/
O Ultimo Lusíada — Mário Beirão	3\$000
O Génio português na sua expressão poética, filosófica e religiosa — Teixeira de Pas- coaes	2\$000
Elegias — Teixeira de Pascoaes	1\$000
Camilo Inédito — Prefácio e notações do Vis- conde de Vila-Moura (1.ª edição, esgotada).	
Só — António Nobre (3.ª edição, esgotada).	
Doentes da Beleza — Visconde de Vila-Moura (esgotado).	
Glória Humilde — Jaime Cortesão	3\$000
Verbo Escuro — Teixeira de Pascoaes	3\$000
A Catalunha — Augusto Casimiro	1\$000
O Problema da Cultura — António Sérgio	1\$000
Miss Doly — Costa Macedo (2.ª edição)	500
A Era Lusíada — Teixeira de Pascoaes	1\$000
A Saudade Portuguesa — Carolina Micaelis de Vasconcelos (2.ª edição)	4\$000
Literatura Nacional — Programa do curso complementar dos liceus organizado por Al- fredo Coelho de Magalhães	1\$000
O Génio Peninsular — Ribera Rovira	1\$000
Ankises — Carlos Maúl	500
Bohemios — Visconde de Vila-Moura (esgot.)	
O Navio dos Brinquedos — António Sérgio	1\$000
Sempre (3.ª ed.) — Teixeira de Pascoaes	3\$000
Ausente — Mário Beirão	2\$000
Camadas Infimas (com illustrações de San- ches de Castro) — Oldemiro Cesar	3\$000
A Esmeralda de Nero — Carlos Parrreira	3\$000
Bemaventurados os que choram... — Simões de Castro	3\$000
Fumo — Rodrigo Solano	4\$000
António Nobre — Visconde de Vila-Moura (2.ª edição)	5\$000
Primavera de Deus — Augusto Casimiro	3\$000
A Morte da Emoção — Carlos Maúl	2\$000

CATALOGO

A Zagala — Costa Macedo, com ilust. de Correia Dias	1\$000
Grandes de Portugal — Visconde de Vila- Moura e António Carneiro (2. ^a ed. — no prelo).	
Líricas e Sátiras — João Saraiva	3\$000
Rapsodia do Sol-Nado, seguida do Ritual de Amor — Afonso Duarte	2\$000
A Beira num relampago — Teixeira de Pas- coaes	2\$000
A Alegria, a Dôr e a Graça — Leonardo Coimbra (2. ^a edição)	4\$000
Sonetos (2. ^a edição) — Candido Guerreiro	2\$000
A Viagem de Anthero de Quental á America do Norte — António Arroio	1\$000
Elogios — João Luso	2\$000
Sol d'Aquino (2. ^a edição) — Bernardo Ma- dureira	2\$000
O Infante de Sagres, drama em IV actos — Jaime Cortesão (3. ^a edição)	3\$000
Fialho de Almeida — Visconde de Vila-Moura Fany Owen e Camilo — Visconde de Vila- Moura (2. ^a ed. -- esgot.).	3\$000
Pensamentos, Palavras e Obras — Severo Por- tela	2\$000
Theatro — Julia Lopes de Almeida	2\$000
Singularidades da Minha Terra — António Arroyo	4\$000
O Aproveitamento das Aguas — José Fer- reira da Silva	2\$000
O Inverno (Romance) — Cesar Porto	5\$000
Emblemas de Alciati explicados em português — Prefácio e coordenação de Leite de Vas- concelos	2\$000
Rosa de Papel — Augusto Santa Rita	2\$000
A Lingua Portuguesa — Jaime Vasconcelos	1\$000
As Cinzas de Camilo — Visconde de Vila- Moura (esg.).	
Lusitania — Mario Beirão	3\$000
O Enforcado — Costa Macedo	3\$000
Bocage — Olavo Bilac	2\$000

CATALOGO

English Prose — chosen by Ferreira Guedes (para a 6. ^a e 7. ^a classe dos liceus) cartonado	3\$000
Como ensinei ás minhas filhas o que é a Ma- ternidade — J. Allais, cart.	3\$000
Lavores Femininos — Amelia Teixeira de Sou- za. (esg.).	
Espelho Encantado — Gomes dos Santos	2\$000
Humus — Raul Brandão, (2. ^a edição)	5\$000
Pão que o Diabo amassou — Oldemiro Cesar	3\$000
Os Ultimos—Visconde de Vila-Moura (2. ^a ed. -- no prelo).	
Entre Giestas — Carlos Selvagem (2. ^a ed.)	4\$000
Tratado da Pintura Antiga — de Francisco de Hollanda, comentado e anotado por Joa- quim de Vasconcellos, (2. ^a ed. — no prelo).	
Nova Teoria do Sacrificio — José Teixeira Rego	3\$000
Egas Moniz — Jaime Cortesão (2. ^a edição)	3\$000
Fédon, de Platão — Tradução de Angelo Ribeiro (2. ^a ed.)	2\$500
Ultimas Rimas — João Penha	3\$000
Raça e Nacionalidade — Mendes Corrêa	3\$000
Ninho d'Aguias — Carlos Selvegem	4\$000
Jesus (2. ^a edição) — D. João de Castro	4\$000
O Reino da Traulilânia (2. ^a edição) — Cam- pos Lima	5\$000
Os Reis da Belgica	5\$000
A Volta do Imperador—Carlos de Magalhães Azeredo	3\$000
Ensaio, Tomo I — António Sérgio	6\$000
Rememranças — Alfredo Varela	6\$000
Contos e Impressões — Mario d'Alencar	4\$000
Humilhados e Luminosos — Jackson de Fi- gueiredo	3\$000
Urze do Monte — Mario Monteiro	4\$000
Nova Sapho (2. ^a ed.) — Visconde de Vila- Moura	5\$000
Adoração — Leonardo Coimbra	3\$000
Figuras — Constancio Alves	4\$000
Flôr de Manacá — Brenno Arruda	5\$000
Obstinados — Visconde de Vila-Moura	3\$000

CATALOGO

Da Continencia e seu factor eugenico — Mario de Vilhena	3\$000
Dentro da Vida — Ranulpho Prata . . .	3\$000
Lyra Franciscana — Durval de Moraes	2\$000
Adão e Eva — Jaime Cortesão	3\$000
Problemas Escolares — Faria de Vasconcelos	4\$000
Alamêda Nocturna — Rodrigo Octavio Filho	3\$000
Italia Azul — Jaime Cortesão	5\$000
Fausto — Renato Almeida	5\$000
Historia do Rio Grande do Norte — Rocha Pombo	15\$000
Cousas do Tempo — Tristão da Cunha	5\$000
Conversas — Coelho Netto	4\$000
Poesias — Raymundo Correa	5\$000
Por Terras Dalem Mar — Faria de Vasconcelos	4\$000
Bucolica — Vieira de Almeida	2\$000
Atravez dos Estados Unidos — Gomes Leite	4\$000
Afonso Arinos — Tristão de Athayde	4\$000
Os Bastiões da Nacionalidade — Elysio de Carvalho	6\$000
O Suave Convivio — Andrade Muricy	5\$000
Sciencia do Criterio — Cesario Martins	5\$000
Epigramas ironlicos e sentimentaes — Ronald de Carvalho, edição em papel de linho	8\$000
A Igreja Silenciosa — Tasso da Silveira	5\$000
O Marquês de Pombal e a sua Epoca — Lucio de Azevedo (2. ^a ed.)	10\$000
Poemas heroi-comicos portuguezes — Alberto Pimentel	4\$000
A Paixão do Maestro — Pina de Moraes	4\$000
Lazaro... — Ezequiel de Campos	5\$000
A Reacção do Bom Senso — Jackson de Figueiredo	4\$000
Cannaviaes — Alberto Deodato	4\$000
A Margem dos Livros — José Maria Belo	5\$000
O Génio rebelado — Afonso Lopes de Almeida	5\$000
Retalhos e Bisalhos — Eduardo Ramos	5\$000
O Livro de Tilda — José Vieira	4\$000
Ronda Crepuscular — Silveira Netto	4\$000

CATALOGO

A Cruz de Guerra — Jorge de Castro	1\$000
Horas — Armando de Oliveira Santos .	3\$000
Sonata de Perola e Cinza — João Ribeiro Pinheiro	3\$000
Obras completas de Cruz e Souza:	
I—Poesias (Broqueis — Pharóes — Ultimos Sonetos)	6\$000
II—Paginas de Prosa	
O que tinha de Ser... (2.ª ed.) — Mario de Alencar	4\$000
O Espelho de Ariel — Ronald de Carvalho	5\$000
Margara (Romance) — Matheus de Albuquerque	5\$000

A PUBLICAR

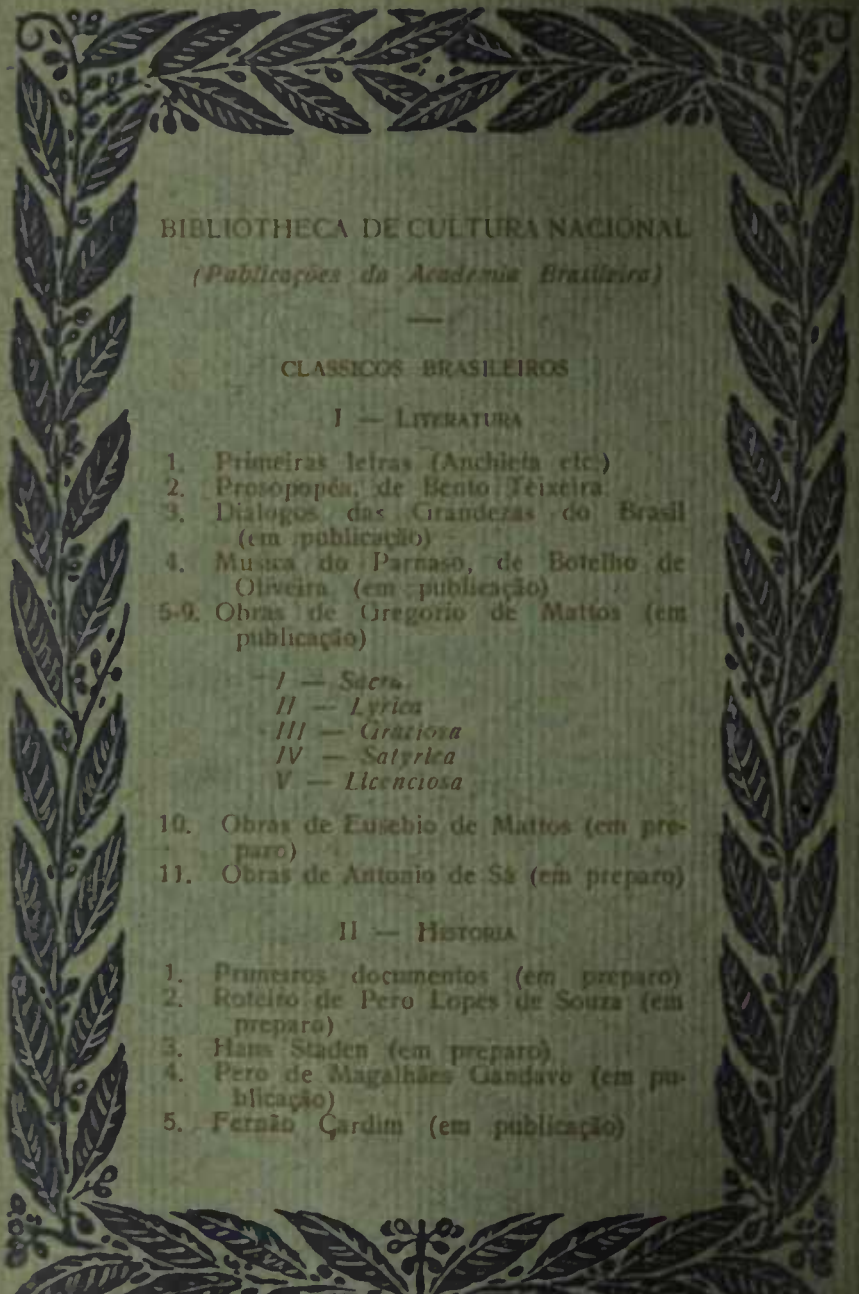
Intelligencia das Coisas — João do Norte.	
Idilios dos Reis — Alberto Pimentel.	
Cartas á Gente Nova — Nestor Victor.	
Poeira da Vida — Mozart Monteiro.	
Um crime da lei — Eneas Lintz.	
Noites de Sabbado — Augusto de Lima.	
Dioramas — Fabio Luz.	
Portugal Amoroso — D. João de Castro.	
Gil Vicente — Anselmo Braancamp Freire.	
(2.ª ed. — no prelo).	
Paginas — Mario d'Alencar.	
O Rio de Janeiro de 1821 a 1921 — Hermeto Lima.	
O Rio de Janeiro em 1922 — Ferreira da Rosa.	
A fruta que eu perdi — Guilherme d'Almeida.	
Amphora de Argila — Jorge Jobim.	
Pedro Primeiro — Antonio Guimarães.	
A Escrava que não é Isaura (Ensaio sobre a poesia modernista) — Mario de Andrade.	
Passiflora — José Felix.	
Tragedia Florentina, Edição ilustrada — Ely-sio de Carvalho.	

CATALOGO

- A Casa Verde** (romance-folhetim) — D. Julia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida.
- O Barão de Val-de-Maguas** — contos de D. Virginia de Castro e Almeida.
- Trabalhos de Jesus**, de Frei Tomé de Jesus — revistos por Edgar Prestage e P. Valerio Cordeiro.
- Iliada** — adaptação para crianças por D. Virginia de Castro e Almeida.
- Introdução á Historia de Portugal** — A. J. Anselmo.
- Historia do Brasil** — Rocha Pombo.
- O Reconhecimento da Independencia do Brasil** — Hildebrando Accioli.
- Verbo Escuro** (2.^a ed.) — Teixeira de Pascoaes.
- Terra Prohibida** (3.^a ed.) — Teixeira de Pascoaes.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA **TYPOGRAPHIA** DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 23 DE MAIO DE 1923





BIBLIOTHECA DE CULTURA NACIONAL

(Publicações da Academia Brasileira)

CLASSICOS BRASILEIROS

I — LITERATURA

1. Primeiras letras (Anchieta etc.)
2. Prosopopéia, de Bento Teixeira.
3. Dialogos das Grandezas do Brasil (em publicação)
4. Musica do Parnaso, de Botelho de Oliveira (em publicação)
- 5-9. Obras de Gregorio de Mattos (em publicação)

I — *Sacra*

II — *Lyrical*

III — *Graciosa*

IV — *Satyrica*

V — *Licenciosa*

10. Obras de Eusebio de Mattos (em preparo)
11. Obras de Antonio de Sá (em preparo)

II — HISTORIA

1. Primeiros documentos (em preparo)
2. Rotello de Pero Lopes de Souza (em preparo)
3. Ham Stadén (em preparo)
4. Pero de Magalhães Gandavo (em publicação)
5. Fernão Cardim (em publicação)

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).